

ZIMA, Peter V. *Komparatistik – Einführung in die Vergleichende Literaturwissenschaft* (*Comparativismo – Introdução à Literatura Comparada*). 2. ed. rev. Tübingen e Basel: A. Francke, 2011. 425 p.

Maria Aparecida Barbosa\*

Retorna volta e meia à agenda a questão relativa à Teoria da Literatura, se ela deve ser definida como estudo cultural ou até mesmo se deve dar lugar aos Estudos Culturais. O autor, importante interlocutor e crítico de Jacques Derrida em língua alemã, Peter V. Zima, lançou em 2011 dois livros sobre Literatura Comparada, um de seus temas recorrentes e diletos. Respondendo à indagação acima, ele introduz o livro.

Quanto à primeira parte da questão, ele admite que sim, a denominação parece ser uma referência adequada tanto para a orientação quanto para a problemática da Literatura Comparada. Tanto que, admite, ela só pode ser mesmo concebida como um estudo cultural no qual se considera “o contexto sociocultural da Literatura” (ZIMA, 2011, p. 16). No entanto, numa época em que a divisão do trabalho se torna cada vez mais específica, Zima se mostra claramente desfavorável à incorporação da Teoria da Literatura Comparada pelos Estudos Culturais, um ramo entre outros.

Ao invés da subsunção, ele postula uma revisão do instrumental teórico da disciplina e de suas funções. Pois, ele lembra que a Literatura Comparada, cujo objeto são textos de diferentes culturas e ramos da língua, consiste em legítima reação frente à limitada filologia e à vida literária de uma única nação fechada e isolada.

Ele parte do pressuposto de que tendo em vista a compensação do déficit teórico da disciplina, a teoria e as funções da Literatura Comparada sejam repensadas. Para subsidiar a pesquisa, sugere as seguintes questões (ZIMA, 2011, p. 9): – que efeitos surtem língua e cultura nacional sobre o discurso teórico da literatura comparada? – é possível se pensar que uma teo-

\* UFSC.

ria da literatura comparada, a partir de reflexões sobre as próprias condições culturais e linguísticas, da autocrítica sobre a própria instituição e inscrição dentro de uma cultura nacional e em meio às culturas, pode contribuir para a reflexão teórica no campo da cultura e das ciências sociais? E do mesmo modo, para o reconhecimento da condicionante cultural e linguística (não somente das literaturas, mas também das teorias literárias e sociológicas) nos sistemas de periodização? – pode ela, assim, lograr a crítica ideológica e persistir desenvolvendo-a, na medida em que reconhece o caráter cultural específico de certas ideologias?

Zima considera decisiva a questão concernente ao vínculo da disciplina à Teoria da Literatura em geral e às comparativas das Ciências Sociais: como a discussão dos anos 70, 80, 90 do século passado sobre os métodos teóricos da literatura podem se tornar fecundos à disciplina? E quais os pressupostos das Ciências Sociais, da Semiótica, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social podem ser assimilados para uma nova fundamentação dessa disciplina?

Acompanhando o binômio composto por cultura nacional e formação teórica, ele observa que dentro de cada cultura nacional haveria “socioletos” (discursos) que se destacam, sobrepujando outras formas linguísticas mal perceptíveis. A fim de exemplificar tais distinções que às vezes passam despercebidas ao pesquisador desatento, ele cita a condição da Alemanha no período da República de Weimar, quando as divergências entre socialistas, nacional-socialistas e anarquistas compuseram o espectro dos discursos dominantes. E apõe, além disso, o caso do existencialismo francês, cujas características extrapolam o consenso dos seus integrantes no que diz respeito à recusa das ideologias fascista e nacional-socialista da ocupação, pois aqui se faz mister enveredar-se pelos meandros dos conflitos entre intelectuais no contexto das organizações “Parti communiste français”, “Confédération générale du travail” e outras, imanadas todas elas da predominante ideologia marxista.

Zima se apoia em Juri Lotmann para afirmar que “cada situação sociolinguística é uma constelação única de socioletos e discursos, que se poderia chamar [...] ‘Kulturtext’ (texto cultural), que num momento histórico corresponde à cultura específica nacional”, e chama a atenção para o dinamismo do sistema e suas interações intertextuais.” (ZIMA, 2011, p. 85).

Segundo o autor, em virtude do traquejo com línguas e culturas diferentes, o comparatista da literatura detém o privilégio e a capacidade de pensar as injunções linguísticas tanto das outras quanto da própria teoria comparativa.

Se por um lado o comparatista precisa lidar com objetos que transcendem o âmbito literário, na medida em que experimentos multimedias

legados, por exemplo, pelas vanguardas deixaram patente quão imbricada a literatura se encontra ora com a música, ora com o cinema, ou a pintura, Zima defende que, antes de tudo, ele trabalha com a literatura comparada, ou seja, com o texto verbal (há um capítulo dedicado à confrontação “Komparatistik und Ästhetik”). Como teoria do texto, a disciplina se classifica dentro da Teoria da Literatura que, por sua vez, se ocupa do texto ficcional e seus contextos diversos.

Objeto, teoria e método compreendem a conexão essencial ao comparatista na ponderação sobre o instrumental teórico e metodológico na sua aproximação ao problema. Isso, tendo em vista, naturalmente, que a escolha do instrumento teórico é condicionada também por fatores como o campo do objeto e a problemática.

Zima define a Teoria da Literatura como arsenal teórico e metodológico da Literatura Comparada. E o comparatista deve levar em conta que cada escolha teórica e metodológica implica em concomitante decisão ideológica e política.

Se a crítica genética pesquisa, entre os objetos em foco, semelhanças advindas através de seu contato, seja direto ou indireto, a tipológica se detém nas semelhanças constatáveis independente de condições análogas de produção ou de recepção. A cada um dos dois modelos críticos, Zima atribui um capítulo respectivo, para se propor depois a investigar até que ponto a Estética da Recepção concretiza o projeto d’“o leitor como instância de uma nova história da literatura” (JAUB *apud* ZIMA, 2011, p. 192).

Ao estabelecer princípios diferenciadores da pesquisa comparativa de influência e gênese e Estética da Recepção, Zima critica o interesse de voltar-se ao *autor* como leitor. Por exemplo, “assim, deve ser revelado o modelo latente da *Nova Heloísa* no texto *Werther* e, após isso, se perguntará como acontece a recepção produtiva e criativa da literatura de Goethe” (JAUB *apud* ZIMA, 2011, p. 191). Tal tendência impossibilita a proposta inicial de ater-se no “leitor coletivo” e de distinguir Estética da Recepção e os estudos de influência e gênese, argumenta Zima. Não obstante, ele arrola pesquisas nas quais discursos distintos de categorias profissionais e ideologias reconstruíram textos literários diferentemente, e, com isso, culturas diferenciadas (não mais autores) constroem singulares “objetos estéticos” (MUKAROVSKY *apud* ZIMA, 2011, p. 188). Um papel definitivo no processo de configuração desses objetos se confere à tradução literária, noutro capítulo. Zima encerra o livro ilustrando como a Literatura Comparada fornece parâmetros para a periodização histórica.

Em chave mais dispersa, no segundo lançamento do mesmo autor: *Komparatistische Perspektiven – zur Theorie der vergleichenden Literaturwissenschaft* (Perspectivas comparativas – sobre a teoria das literaturas

comparadas) há uma coletânea de ensaios que se reportam a teses para um Comparativismo sociológico-semiótico, no qual se busca o diálogo da Literatura Comparada com comparatistas da Sociologia Comparada, da Teoria Política e do Direito.

À guisa de informação tangencial, assinalo finalmente outro lançamento em língua alemã sobre a matéria, que contempla a história teórica e as tendências do desenvolvimento da Literatura Comparada no Brasil e na Argentina: *Komparatistik in Lateinamerika*, Marburg: Tectum, 2011, de Beatrice Strohschneider.

Submetido em: 07/11/2011

Aceito em: 17/01/2013